

MULTIDISCIPLINARIDADE, INTERDISCIPLINARIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE: PERSPECTIVAS PARA EDUCAÇÃO EM SAÚDE

André Luiz Souza Gomes¹, **Isa Rodrigues Massa**², **Karoline Queiroz Salvador**³,
Larissa Paes Dias⁴, **Letícia de Souza Coelho**⁵, **Patrick Vieira Falce Barbosa**⁶

¹ Medicina - ICV/ Universidade Federal de Juiz de Fora (andregomesinst@gmail.com)

² Medicina - ICV/ Universidade Federal de Juiz de Fora, (isamassa98@gmail.com)

³ Medicina - ICV/ Universidade Federal de Juiz de Fora, (karolinesalvador@hotmail.com)

⁴ Medicina - ICV/ Universidade Federal de Juiz de Fora, (larissapaes2000@gmail.com)

⁵ Nutrição - ICV/ Universidade Federal de Juiz de Fora, (leticiascoelho@hotmail.com)

⁶ Medicina - ICV/ Universidade Federal de Juiz de Fora, (patrickv13@yahoo.com.br)

Resumo

A educação em saúde compreende diversos campos e posições político-filosóficas da sociedade. Por vezes a educação em saúde é reducionista e pouco participativa, carecendo de integração entre conhecimento e prática para que se cumpra o processo crítico e transformador da população sobre sua saúde e hábitos. Dessa forma, objetiva-se entender as dinâmicas de educação em saúde, com foco na inserção da multi, inter e transdisciplinaridade. O presente estudo possui como metodologia a revisão bibliográfica, embasada pela análise documental, conciliando as bibliografias atuais com as pioneiras. O trabalho em equipe atual se baseia no modelo multidisciplinar, que consiste na justaposição de ideias, sem integração total de disciplinas, sendo o primeiro nível organizativo. A interdisciplinaridade surge como forma intermediária, visando à integração pelo domínio de outras áreas e enriquecimento mútuo. Esse modelo ganhou muita força junto aos movimentos estudantis, no entanto, percebeu-se problemas em sua aplicabilidade, fazendo emergir o modelo organizativo de nível superior, a transdisciplinaridade, uma forma conceitual de compartilhamento das situações entre áreas distintas, transcendendo as perspectivas estabelecidas e permitindo um manejo que se adeque aos objetivos, não a metodologia. Entre os mecanismos de educação em saúde que estimulam o emprego dos métodos trabalhados de forma satisfatória, é possível destacar a extensão universitária e as ligas acadêmicas, que permitem compartilhamento e aprimoramento de disciplinas e ideias. A educação em saúde e a saúde *per se* carecem de uma gama de saberes distintos, devido a sua complexidade e impacto social, portanto, sob a ótica do SUS e dos seus princípios, o modelo de ensino desarticulado é inábil para a formação profissional, enfrentamento multifacetado e emprego da educação em saúde. A inter e transdisciplinaridade surgem como forma organizativa atualizada dos métodos de vivência profissional, mostrando que a reestruturação apresenta valor significativo aos futuros profissionais brasileiros e à sociedade.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Transdisciplinaridade; Educação em saúde.

Área Temática: Inovações e Tecnologias no Ensino de Saúde e Educação em Saúde.

Modalidade: Trabalho completo.

1 INTRODUÇÃO

A educação em saúde é um campo multifacetado que envolve diferentes compreensões do mundo, as quais estão demarcadas por distintas posições político-filosóficas sobre o homem e a sociedade (SCHALL; STRUCHINER, 1999). No contexto de promover educação em saúde, há vários modelos de intervenção, como o modelo multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar que vêm sendo modificados concomitantemente há décadas (LUZ, 2009).

Pires (1998), afirma que a multidisciplinaridade é o trabalho entre temas comuns visualizados sobre uma diferente ótica em cada área do saber e, por isso, formam uma relação de proximidade e não de inter-relação, o que Roquete *et al.* (2012), chama de “somatória de métodos” com o objetivo de minimizar a hiperespecialização de uma determinada ciência.

De acordo com Roquete, a multidisciplinaridade nada mais é do que uma “justaposição de disciplinas em torno de um mesmo tema ou problema, sem o estabelecimento de relações entre os profissionais representantes de cada área no plano técnico ou científico.” Define-se multidisciplinaridade, então, pela soma de saberes sem uma conexão ou integração entre eles (ROQUETE *et al.*, 2012) e sem que cada disciplina tenha que modificar seus próprios conceitos e métodos (DELATTRE, 2006).

Já a interdisciplinaridade traz a necessidade de articular a teoria e prática e inspirar a crítica durante o processo de conhecimento (PIRES, 1998). Gusdorf (1990, *apud* POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1994) cita que há um espaço comum, um fator de coesão entre os saberes expostos à metodologia interdisciplinar. Esse espaço permite o início de um diálogo, a possibilidade de abertura de pensamentos, de questionamentos e concede espaço para a germinação da curiosidade.

A interdisciplinaridade traz então a necessidade de quebrar a rigidez dos compartimentos das áreas do conhecimento, de forma a possibilitar a cooperação e reciprocidade entre elas (ROQUETE *et al.*, 2012). É com esse intercâmbio de saberes que há enriquecimento mútuo e entendimento da realidade particular de cada população.

Já o novo modelo transdisciplinar, de acordo com Foucault, em 1966, se traduz com a necessidade de uma produção integrativa, horizontalizada e não hierarquizada, que se adequa ao conceito atual de promoção da saúde (LUZ, 2009) e parece ser uma radicalização da interdisciplinaridade. Isso porque o conceito atual de promoção de saúde se apoia em uma definição ampla de autonomia da população no contexto de sua vida cotidiana e não apenas no processo saúde-doença (SCHALL; STRUCHINER, 1999).

Schall e Struchiner (1999) clarificam então, que essa situação-problema elucidada o quanto modelos de educação em saúde são, por vezes, reducionistas e não integrativos,

instituindo a necessidade de modelos atuais e participativos. Os métodos de educação em saúde precisam integrar o conhecimento e a prática da população-alvo, visando aumentar a autonomia do usuário e superar a dicotomia senso comum *versus* ciência (LUZ, 2009).

Nesse contexto, a transdisciplinaridade traz a possibilidade de acordar com a cultura contemporânea e multifacetária (LUZ, 2009) e estabelecer um modelo que possibilite ações transformadoras que “levem o indivíduo à sua autonomia e emancipação como sujeito histórico e social, capaz de propor e opinar nas decisões de saúde para cuidar de si, de sua família e de sua coletividade” (FALKENBERG *et al.*, 2014).

Esse trabalho, por sua vez, entende que o processo de educação em saúde é uma prática crítica e transformadora que deve possibilitar reflexões da própria população acerca de sua saúde, hábitos e promoção da saúde (BARROSO; VIEIRA; VARELA, 2006). O modelo transdisciplinar se apresenta então como o modelo que justifica intervenções construtivistas e a atualização dos métodos de educação em saúde em prol do aprimoramento da Saúde Coletiva (SEVALHO, 2017). Sendo assim, o estudo dos modelos de transmissão de conhecimento é essencial para se proporcionar conhecimento integrado e não hierarquizado, que permite a autonomia e a formação de sujeitos diversos cientes de seu papel social no âmbito da saúde (SOUSA; PINHO, 2017).

O presente estudo tem como objetivo debater sobre as atuais dinâmicas de educação em saúde e a inserção da multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Além de apresentar a importância da multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na formação profissional reforçando a criação de novas abordagens em educação em saúde fora do contexto obsoleto biomédico.

2 MÉTODO

Como abordagem metodológica, realizou-se uma revisão bibliográfica de artigos selecionados sobre a temática central da educação em saúde e novos paradigmas da atualidade no assunto, com foco nos aspectos da inter, multi e transdisciplinaridade como mecanismos de formação profissional, de ensino de saúde e da educação em saúde. Não foi necessário aprovação de um comitê de ética. Essa metodologia é embasada na análise documental e exploração de documentos diversificados e dispersos, levantados em dois conjuntos de bases de dados: 1) Bases de dados da literatura científica, incluindo as plataformas BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), sendo as fontes LILACS (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde), MEDLINE (*Medical Literature Analysis and Retrieval System Online*) e

SciELO (*Science Electronic Library Online*); e 2) Bancos de dados públicos e periódicos específicos da área de estudo. Para a triagem de artigos a busca contou com as palavras-chaves: "interdisciplinaridade", "transdisciplinaridade" e "educação em saúde". Além disso, para eleger estudos de caráter mais recente, estipulou-se artigos publicados no período dos últimos dez anos (2011 a 2021), sempre considerando as bibliografias pioneiras na área de estudo, mesmo que mais antigas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente é importante uma integração entre as disciplinas em qualquer âmbito da sociedade, seja profissional, no ensino acadêmico, que possibilitem alcançar resultados decorrentes da participação de várias disciplinas, em diferentes níveis e formatos. No Brasil, encontra-se um sistema de ensino com uma organização desarticulada e fragmentada, em que os currículos são formados por compartimentos incomunicáveis, que produzem uma formação profissional e social insuficiente para o enfrentamento das práticas na sociedade que exigem formação mais crítica e competente (SANTOS *et al.*, 2015; VELLOSO *et al.*, 2016; FARIAS *et al.*, 2018; LIMA *et al.*, 2018; MONTANARI, 2018; RIOS; SOUSA; CAPUTO, 2019). Segundo Marinho, Silva e Ferreira (2015), este sistema fragmentado com a exigência material de formação dos indivíduos da sociedade moderna, com suas formas de organização social originadas principalmente durante a Revolução Industrial, refletiu nas atividades humanas à maioria das populações, inclusive às escolas e as modalidades de ensino.

O trabalho em equipe envolvendo várias disciplinas é enfatizado em serviços, nas pesquisas, políticas e educação em saúde. Isso na prática é visto como: o trabalho de várias equipes disciplinares para fornecer cuidados de saúde nos hospitais; os vários departamentos disciplinares e programas de ensino nas universidades e o pedido de pesquisas que envolvem várias disciplinas para agências de financiamento de pesquisas. Com isso, a discussão da multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade se faz necessária, e dessas a ideia mais discutida e praticada atualmente, é a multidisciplinaridade (MARINHO; SILVA; FERREIRA, 2015; SANTOS *et al.*, 2015; LIMA *et al.*, 2018; MONTANARI, 2018; RIOS; SOUSA; CAPUTO, 2019).

A multidisciplinaridade tem como características a justaposição de ideias e não integração entre as disciplinas, assim estando a multidisciplinaridade no primeiro nível de organização e de integração entre as disciplinas, quando comparada à inter e à transdisciplinaridade. Este tipo de pesquisa ultrapassa as disciplinas, mas sua finalidade

continua inscrita na estrutura da pesquisa disciplinar. Uma aplicação da multidisciplinaridade na educação em saúde se dá nas palestras seriadas desenvolvidas em eventos nas áreas da saúde, ocorrendo uma fragmentação e não integração entre os temas abordados, onde cada disciplina trata de temas comuns sob sua própria ótica. Além disso, na clínica médica, onde tendo como exemplo um paciente pediátrico desnutrido, os membros da equipe multidisciplinar funcionam como especialistas independentes, estando a criança avaliada por vários profissionais independentes, mas geralmente a critério de um médico (VELLOSO *et al.*, 2016; LIMA *et al.*, 2018).

Quanto à interdisciplinaridade, essa ocupa posição intermediária entre a multi e a transdisciplinaridade na hierarquia de organização e integração das disciplinas. Nela o indivíduo aceita o domínio do outro e de ir além de sua própria linguagem técnica, indo em direção a um domínio de que não é exclusivamente o seu próprio, com enriquecimento mútuo dos envolvidos (SANTOS *et al.*, 2015; VELLOSO *et al.*, 2016; FARIAS *et al.*, 2018; LIMA *et al.*, 2018; RIOS; SOUSA; CAPUTO, 2019). No campo do ensino, esse termo ganhou força com o movimento marcadamente revolucionário dos estudantes universitários na Europa e na América Latina, o qual tinha como eixo a crítica à organização do ensino universitário e discutindo-se a desarticulação teoria e prática e a função social dos conteúdos escolares, iniciando a busca de novos pressupostos que levaram a modificações estruturais e curriculares no ensino. Já um exemplo prático aplicado ao campo da saúde, onde uma equipe interdisciplinar voltado a um paciente pediátrico desnutrido, os membros se reuniram para discutir suas avaliações individuais e desenvolveriam um plano de serviço conjunto para o paciente, muito diferente da vertente fragmentada e não integrada da multidisciplinaridade (MARINHO; SILVA; FERREIRA, 2015; MONTANARI, 2018; MORETT; VILLAMAR; ANYUL, 2018).

Segundo estudos como de SANTOS *et al.* (2015), há uma aparente discrepância entre o que é dito do caráter interdisciplinar, e o que é feito na prática, caracterizada por utilização de termos de outras áreas sem que haja uma adaptação dos conceitos aos propósitos da área do estudo (FARIAS *et al.*, 2018; LIMA *et al.*, 2018; RIOS; SOUSA; CAPUTO, 2019). Em estudo transversal e descritivo de FARIAS *et al.* (2018) de abordagem qualitativa e quantitativa para caracterizar a perspectiva interdisciplinar de trabalhadores de unidades de saúde da família do município de João Pessoa, foi observado que pela análise isolada dos dados quantitativos era verificado uma aproximação das equipes com a perspectiva interdisciplinar e interprofissional do trabalho em saúde, porém não o conduziam na

perspectiva interprofissional. A interdisciplinaridade só se torna com seu sentido real a partir do diálogo concreto entre as disciplinas.

Portanto, a interdisciplinaridade permite uma integração de conhecimentos de várias disciplinas, possibilitando o aperfeiçoamento da habilidade de problematizar e contextualizar, buscando uma solução, logo, ela é importante para a formação em saúde e para a prática profissional, em que é preciso que o profissional reconheça e respeite outros saberes, mesmo que sejam distintos dos seus (LIMA, 2018; SANTOS, 2015).

A transdisciplinaridade é uma etapa superior na hierarquia das relações multi e interdisciplinares, onde os indivíduos de diferentes campos não apenas trabalham juntos em um problema comum, mas também criam um modelo conceitual compartilhado do problema que integra e transcende cada uma de suas perspectivas disciplinares separadas. Na prática da transdisciplinaridade cada ação pensada é de acordo com o problema transdisciplinar colocado, assim a depender do contexto específico discutido, os problemas são manejados com os materiais disponíveis, voltados para a resolução do problema e dos saberes em discussão, formado então por uma rede que se adequa ao objeto e não com uma metodologia geral (VELLOSO *et al.*, 2016; LIMA *et al.*, 2018; RUANO; MORILLO; GONZALEZ, 2018; MORETT; VILLAMAR; ANYUL, 2018).

A extensão nas universidades visa uma articulação entre a pesquisa e o ensino, buscando uma interação entre os alunos da graduação e a comunidade, e também um compromisso social da academia. Segundo Siqueira *et al.* (2017), apesar de ser um dos eixos fundamentais junto à pesquisa e ao ensino, a extensão é pouco utilizada em comparação aos outros eixos do tripé, evidenciando uma valorização do conhecimento técnico, distanciando o aluno da questão social do ser humano em relação aos questionamentos socioeconômicos, culturais e políticos, além de impedir uma interação dos graduandos de determinado curso com disciplinas de outros cursos, onde a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade seriam de extrema importância (CARDOSO *et al.*, 2015; MELO *et al.*, 2020).

O contato do graduando com a extensão permite o aprimoramento de um aluno com capacidade de aprender a ensinar enquanto ensina, um dos princípios da transdisciplinaridade, compartilhando suas disciplinas a outros, e estando aberto a outras ideias (RUANO; MORILLO; GONZALEZ, 2018; MORETT; VILLAMAR; ANYUL, 2018). Um projeto de extensão de CARDOSO *et al.* (2015), relatou que os acadêmicos desenvolveram a liderança, a tomada de decisões, a comunicação e a atenção à saúde, buscando a resolução dos problemas de saúde em nível individual e coletivo, além da melhora no comportamento interprofissional e interação com outras áreas de conhecimento, promovendo a atuação multiprofissional,

interdisciplinar e transdisciplinar. Nesse projeto os acadêmicos desenvolviam ações específicas para possibilitar às famílias usuárias do projeto o acesso às políticas sociais públicas, tais como assistência social, educação, saúde e habitação.

Outras alternativas para estimular as experiências interprofissionais durante a formação acadêmica pela integração entre ensino, pesquisa, extensão e assistência, além de suprir as ausências das grades curriculares, foram as ligas acadêmicas, fato este confirmado por vários autores como Cavalcante *et al.* (2018) e Carneiro *et al.* (2015). Estas entidades estudantis são geridas pelos estudantes, não vinculadas a grade curricular das universidades, sem fins lucrativos, orientadas por no mínimo um docente e com a colaboração de profissionais, abrangendo uma determinada temática da área da saúde e que prevê o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão (CARNEIRO *et al.*, 2015; MAGALHÃES; RECHTMAN; BARRETO, 2015; SILVA; FLORES, 2015; GOERGEN, 2017; CAVALCANTE *et al.*, 2018).

Os membros das ligas acadêmicas podem ser de apenas um único curso, mas também podem ser organizadas por vários cursos, com isso facilitando a abordagem do ensino e práticas transdisciplinares (CARNEIRO *et al.*, 2015). Segundo Cavalcante *et al.* (2018) concluíram em seu estudo que a interação entre alunos de diferentes cursos e períodos promovem uma troca de experiências, valores e construção de vínculos que dificilmente poderiam ocorrer no ensino convencional. Este e outros artigos concordam com a importância de uma equipe interdisciplinar na saúde para oferta de um tratamento de qualidade (CARNEIRO *et al.*, 2015; MAGALHÃES; RECHTMAN; BARRETO, 2015; SILVA; FLORES, 2015; GOERGEN, 2017; CAVALCANTE *et al.*, 2018).

De acordo com Carneiro *et al.* (2015), as principais críticas às ligas acadêmicas são o favorecimento da especialização precoce justamente pela maioria das ligas estarem ligadas ao desenvolvimento de atividades relacionadas a apenas uma área temática, nesse sentido o trabalho interdisciplinar dentro das ligas se torna importante para o desenvolvimento de um profissional com olhar integral ao paciente e que atende as necessidades de cada indivíduo (GOERGEN, 2017; CAVALCANTE *et al.*, 2018). Ainda, segundo Goergen (2017), outras críticas as ligas acadêmicas seriam as atividades de campanhas realizadas com abrangência a um número restrito da população, nas quais muitas informações são fornecidas de modo imediato e em curto período, sem acompanhamento longitudinal com pesquisas dessa população, não obtendo assim, o real impacto dessa atividade no melhor entendimento da comunidade no tema abordado. Contudo, os artigos concordam na importância da

interdisciplinaridade na organização de uma liga acadêmica (CARNEIRO *et al.*, 2015; GOERGEN, 2017; CAVALCANTE *et al.*, 2018).

Vale destacar que a saúde e, por consequência, a educação em saúde é complexa e necessita de uma gama de conhecimentos distintos que vão impactar a prática profissional futura, que envolve uma relação direta entre diversas áreas profissionais. Nota-se que há um escasso número de trabalhos nacionais que abordam a educação interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar e também seus efeitos nas práticas de saúde, sendo necessária a formulação de novos estudos sobre o tema (MONTANARI, 2018).

4 CONCLUSÃO

Em síntese, sob a ótica de um Sistema de Saúde universal e integral, o modelo de ensino desarticulado, pautado principalmente nas condutas multidisciplinares, é inábil para a formação de profissionais qualificados para o enfrentamento das questões multifacetadas em saúde no Brasil. O aprendizado inter e transdisciplinar na formação acadêmica são imprescindíveis para a postura tanto crítica como social frente à tomada de decisões em saúde, a nível individual e coletivo.

Um relevante exemplo da edificação do ensino inter e transdisciplinar nas universidades é a organização de ligas acadêmicas, principalmente aquelas que integram membros de diferentes graduações e campos temáticos. À vista disso, o incentivo a essas entidades estudantis é primordial para a experiência interprofissional no contexto acadêmico, constituindo um forte pilar para um novo modelo de ensino em saúde. Além do mais, o trabalho interdisciplinar desenvolvido em ligas acadêmicas é uma ferramenta significativa para evitar o fenômeno de especialização precoce, contribuindo para o desenvolvimento de um olhar integral dos estudantes.

Dessa forma, uma reestruturação do modelo de educação para os futuros profissionais de saúde brasileiros apresenta valor significativo, visto que grande parte dos serviços ofertados pelo Sistema Único de Saúde baseia-se na lógica multidisciplinar, a exemplo das equipes multidisciplinares que atuam nas Estratégias de Saúde da Família (ESF), nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e nos Núcleos Ampliados de Saúde da Família (NASF).

REFERÊNCIAS

- BARROSO, M.G.T.; VIEIRA, N.F.C.; VARELA, Z.M.V. Ensino de educação em saúde, interdisciplinaridade e políticas públicas. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, [S.L.], p. 182-187, 2006. Fundação Edson Queiroz. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/979>. Acesso em: 16 abr. 2021.
- BICALHO, L. M.; OLIVEIRA, M. Aspectos conceituais da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [S. l.], v. 16, n. 32, p. 1-26, 2011. DOI: 10.5007/1518-2924.2011v16n32p1. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2011v16n32p1>. Acesso em: 8 maio. 2021.
- CARDOSO, A.C. *et al.* O estímulo à prática da interdisciplinaridade e do multiprofissionalismo: a Extensão Universitária como uma estratégia para a educação interprofissional. **Rev. ABENO** vol.15 no.2 Londrina Abr./Jun. 2015. Disponível em: http://revodonto.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-59542015000200003. Acesso em: 16 Abr. 2021.
- CARNEIRO, J.A. *et al.* Liga acadêmica: instrumento de ensino, pesquisa e extensão universitária. **Revista Eletronica Gestão & Saúde**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 667–679, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/2596>. Acesso em: 16 abr. 2021.
- CAVALCANTE, A.S.P. *et al.* As Ligas Acadêmicas na Área da Saúde: Lacunas do Conhecimento na Produção Científica Brasileira. **Rev. bras. educ. med.**, Brasília, v. 42, n. 1, p. 199-206, Jan. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022018000100199&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 Abr. 2021.
- DELATTRE, P. **Investigações interdisciplinares**: objetivos e dificuldades. In: POMBO, O.; GUIMARAES, H.M.; LEVY, T. Interdisciplinaridade: antologia. Porto/PT: Campo das Letras, 2006. (Publicação original: Interdisciplinares (recherches). Objectifs ET difficultés. **Encyclopedia Universalis**, 1973, p. 387-397).
- FALKENBERG, M.B. *et al.* Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. 2014, v. 19, n. 03, pp. 847-852. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000300847&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 15 Abr. 2021
- FARIAS, D.N. *et al.* Interdisciplinaridade e interprofissionalidade na estratégia saúde da família. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 141-162, Abr. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462018000100141&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 Abr. 2021.
- FOUCAULT, M. **Les mots et les choses**. Paris : Gallimard, 1966.
- GOERGEN, D. I. Ligas acadêmicas: uma revisão de várias experiências. **Arq. Catarin Med.** Jul-set; 46(3):183-193. 2017. Disponível em: <http://www.acm.org.br/acm/seer/index.php/arquivos/article/view/68/187>. Acesso em: 16 Abr. 2021.

GUSDORF, G. Reflexions sur l'interdisciplinarité. **Bulletin de Psychologie**, XLIII, 397, p. 847-868, 1990 apud POMBO, O. Contribuição para um vocabulário sobre interdisciplinaridade. In: POMBO, O.; GUIMARÃES, H.; LEVY, T. Interdisciplinaridade: reflexão e experiência. 2 ed. rev. aum., Lisboa: Texto, 1994.

LIMA, V.V. *et al.* Desafios na educação de profissionais de Saúde: uma abordagem interdisciplinar e interprofissional. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]**. v. 22, n. Suppl 2, pp. 1549-1562, 2018. Disponível em: <https://scielosp.org/article/icse/2018.v22suppl2/1549-1562/#>. Acesso em: 14 Abr. 2021.

LUZ, M.T. Complexidade do campo da Saúde Coletiva: multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, e transdisciplinaridade de saberes e práticas - análise sócio-histórica de uma trajetória paradigmática. **Saude soc.**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 304-311, Jun. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902009000200013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 Abr. 2021.

MAGALHÃES, E.P.; RECHTMAN, R.; BARRETO, V. A liga acadêmica como ferramenta da formação em Psicologia: experiência da LAPES. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 19, n. 1, p. 135-141, Abr. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000100135&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 Abr. 2021.

MARINHO, J.C.B.; SILVA, J.A.; FERREIRA, M. A educação em saúde como proposta transversal: analisando os Parâmetros Curriculares Nacionais e algumas concepções docentes. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 429-444, Jun. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702015000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 Abr. 2021.

MELO, J.A.C. *et al.* Extensão universitária na pandemia de covid-19: projeto radiologia na comunidade, o uso da rede social e ambiente virtual de aprendizagem. **Saberes Plurais Educ. Saude**, v. 4, n. 2, p. 49-60, ago./dez. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/saberesplurais/article/view/108759/60000>. Acesso em: 16 Abr. 2021.

MONTANARI, P.M. Formação para o trabalho no ensino das graduações em saúde. **Saúde e Sociedade [online]**. 2018, v. 27, n. 4, pp. 980-986. Disponível em: <https://scielosp.org/article/sausoc/2018.v27n4/980-986/#>. Acesso em: 14 Abr. 2021.

MORETT, L.O.; VILLAMAR, A.A.; ANYUL, M.P. Interdisciplina y transdisciplina frente los conocimientos tradicionales. **Rev. iberoam. cienc. tecnol. soc.**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, v. 13, n. 38, p. 135-153, jun. 2018. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1850-00132018000200007&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 14 Abr. 2021.

PIRES, M.F.C. Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade no ensino. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. UNESP, v. 2, n. 2, p. 173-182, 1998. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32831998000100010. Acesso em: 26 Abr. 2021.

RIOS, D.R.S.; SOUSA, D.A.B.; CAPUTO, M.C. Diálogos interprofissionais e interdisciplinares na prática extensionista: o caminho para a inserção do conceito ampliado de saúde na formação acadêmica. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]**. v. 23,

Ago. 2019. Disponível em: <https://scielosp.org/article/icse/2019.v23/e180080/#>. Acesso em: 14 Abr. 2021.

ROQUETE, F.F. *et al.* Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade: em busca de diálogo entre saberes no campo da saúde pública. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, v. 2, n. 3, p. 463-474, 2012. Disponível em: <http://seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/245>. Acesso em: 16 Abr. 2021.

RUANO, J.C.; MORILLO, M.M.; GONZALEZ, F.J.A. Educación transdisciplinar: formando en competencias para el buen vivir. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 100, p. 619-644, Jul. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362018000300619&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 Abr. 2021.

SANTOS, R.N.L.C. *et al.* Integralidade e Interdisciplinaridade na Formação de Estudantes de Medicina. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 3, p. 378-387, Set. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022015000300378&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 Abr. 2021.

SCHALL, V.; STRUCHINER, M. Educação em saúde: novas perspectivas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 2, p. S4-S6, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1999000600001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 Abr. 2021.

SEVALHO, G. O conceito de vulnerabilidade e a educação em saúde fundamentada em Paulo Freire. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]**. 2017, pp. 00. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832018000100177&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 26 Abr. 2021

SIQUEIRA, S.M.C. *et al.* Atividades extensionistas, promoção da saúde e desenvolvimento sustentável: experiência de um grupo de pesquisa em enfermagem. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452017000100701&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 Abr. 2021.

SILVA, S.A.; FLORES, O. Ligas Acadêmicas no Processo de Formação dos Estudantes. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 3, p. 410-417, Set. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022015000300410&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 Abr. 2021.

SOUSA, J.G.; PINHO, M.J. Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade como fundamentos na ação pedagógica: aproximações teórico-conceituais. **Revista Signos**, [S.1], v. 38, n. 2, dez. 2017. Disponível em: <http://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/1606>. Acesso em: 26 Abr. 2021.

VELLOSO, M.P. *et al.* Interdisciplinaridade e formação na área de saúde coletiva. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 257-271, Mar. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462016000100257&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 Abr. 2021.